

Escala de traços de personalidade para crianças e aceitação social entre pares

Fermino Fernandes Sisto

Universidade São Francisco

Sandra Maria S.S. Oliveira

Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre

Katya Luciane de Oliveira

Universidade de Alfenas

Daniel Bartholomeu

Universidade São Francisco, Itatiba

José Carlos S. Oliveira

Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre

Otávia Regina Souza Costa

Universidade Antônio Carlos, Barbacena

RESUMO

O presente estudo objetivou verificar se a aceitação entre pares está relacionada a traços de personalidade. Foram estudados 411 alunos do ensino fundamental de uma escola pública, por meio da Escala de Traços de Personalidade para Crianças e o Teste Sociométrico. Dos resultados das análises de correlação e discriminação de grupos extremos ressaltaram, principalmente, três informações. Uma delas foi que as meninas tiveram uma pontuação média mais baixa em neuroticismo, mas sua presença produziu aceitação na escolha entre pares, enquanto que nos meninos, com média mais alta, não produziu esse efeito. A outra, que as meninas tiveram uma pontuação mais alta em psicoticismo e sociabilidade, não produzindo rejeição para as meninas, mas sim para os meninos. E, finalmente, as correlações foram baixas, apesar de significativas, tal como era esperado, pois a aceitação-rejeição deve ser apenas um dos componentes da personalidade. Nesse contexto, os dados desta pesquisa podem ser considerados evidência de validade para o Escala de Traços de Personalidade para Crianças.

Palavras-chave: traços de personalidade; evidência de validade; teste sociométrico

ABSTRACT

Childrens' personality traits scale and peer acceptance

The aim of this study was to identify whether personality traits and social acceptance are related. By means of the Escala de Traços de Personalidade para Crianças and Sociometric Test, 411 elementary public school students were studied. Among the results of correlation analysis and extreme group discrimination, three points of information were highlighted. The first point being that the neuroticism scores of girls were found to be lower than of boys, but its presence yielded to peer acceptance, whereas this reaction was not observed among the boys. The second point was that girls had higher scores for psychoticism and sociability than the boys, and this was related to the boys' but not the girls' peer rejection. The last point was that the correlations were low as expected, in spite of their significance; on this account, the peer acceptance-rejection factor must be take as just one of the personality components. In this context the data can be considered as valid evidence to Escala de Traços de Personalidade para Crianças.

Keywords: personality traits; validity evidence; sociometric test.

INTRODUÇÃO

O estudo da personalidade é tradicionalmente dominado por teorias bastante abrangentes que procuram explicar muitas facetas do comportamento. O conceito de personalidade, segundo Allport (1973), se refere à consistência do comportamento das pessoas ao longo do tempo e situações, ao mesmo tempo em que explica sua singularidade.

O conceito de personalidade adotado neste estudo a concebe como uma síntese da atividade biopsíquica do ser humano e, como tal, um sistema integrado de tendências e caracteres, fisiológicos e psicológicos, sociais e culturais, formando uma unidade. Assim, a personalidade envolveria componentes orgânicos e herdados, tal como o sistema límbico, assim como componentes socioculturais (caráter, hábitos, crenças,

atitudes, ideais e autoconceito), produtos de aprendizagem (Sisto, Bueno & Rueda, 2003).

Nesse sentido, está sendo entendida como um sistema cognitivo, afetivo e comportamental integrados, em interação com características inatas, adquiridas, orgânicas e sociais, recebendo contribuições de funções psicológicas e sociais. De certa forma, esse sistema teria a função de síntese, de controle e de unificação.

Para Eysenck e Eysenck (1987), contudo, certas tendências são percebidas nos processos de modificações e reorganizações da personalidade que diferenciam um sujeito do outro. Nesse sentido, cada um tem que lidar com seus motivos pessoais e as influências ambientais, que nem sempre são favoráveis, promovendo reajustes em seu comportamento. Sua teoria considera a personalidade como uma hierarquia de traços que seriam tendências duradouras, modos de comportar-se em uma diversidade de situações. Em decorrência, a tendência de uma pessoa a ser impulsiva, agitada, irascível, impetuosa e impaciente poderia ser decorrente da tendência mais básica de ser excitável.

A Escala de Traços de Personalidade para Crianças (ETPC), instrumento analisado neste estudo, foi construída com base nos supostos da proposta de Eysenck e Eysenck (1987). Está configurada para crianças brasileiras de 5 a 10 anos, sem histórico conhecido de patologia psicológica. O instrumento visa medir quatro fatores com validade de constructo e de conteúdo, quais sejam, neuroticismo, psicoticismo, extroversão e sociabilidade.

Os estudos de precisão proveram bons índices. A análise de consistência interna forneceu índices variando de 0,80-0,91; pela técnica de duas metades de *Spearman-Brown* os índices ficaram entre 0,79-0,92; e os coeficientes de correlação de *Pearson* na situação de teste-reteste, entre 0,80-0,92 (Sisto, no prelo).

Cinco estudos foram realizados usando a Escala de Traços de Personalidade para Crianças (ETPC) e, de certa forma, resultaram em outras evidências de validade do instrumento. Três deles se relacionam à situação de ensino-aprendizagem e os outros dois a outras características psicológicas que poderiam estar relacionadas a traços de personalidade.

O estudo de Bazi (2003) foi realizado com 602 crianças de segundas e terceiras séries do ensino fundamental. Os dados de extroversão e dificuldade de aprendizagem nos alunos de segundas séries indicaram que, conforme aumentou o nível de dificuldade de aprendizagem, diminuiu a intensidade desse traço. Por sua vez, Pacheco (2003) estudou 123 alunos de terceiras séries do ensino fundamental. Concluiu que crianças com dificuldade de aprendizagem acentuada apresentaram altas pontuações em neuroticismo e baixas em sociabilidade. Em uma outra pesquisa, Pacheco e Sisto (2003) analisaram a relação entre traços de personalidade e aprendizagem por conflito sociocognitivo em crianças de 5 a 7 anos. A análise por regressão múltipla indicou que os traços de

psicoticismo e adequação (sociabilidade) explicaram o desempenho no pós-teste imediato.

Os outros dois estudos trabalharam em perspectivas diferentes. As relações entre o ETPC e o teste de cores de Lüscher foram investigadas por Sisto, Pacheco, Guerrero e Urquijo (2001) em 343 estudantes com idades entre 5 e 11 anos. Os dados facilitaram a conclusão de que aumentou a intensidade dos conflitos emocionais conforme aumentaram os indícios de psicoticismo, enquanto que conforme aumentaram os indícios de neuroticismo, diminuiu a intensidade dos conflitos emocionais. Finalmente, Sisto e cols. (2003) investigaram as relações entre traços de personalidade e distorção de formas e integração no teste gestáltico de Bender em 344 crianças com idades variando entre 6 e 12 anos. Os resultados mostraram que conforme diminuiu a integração, aumentou a intensidade do traço neuroticismo, como também que a não integração também faz parte do quadro de psicoticismo. Ao lado disso, quanto maior a pontuação em distorção, maior foi a intensidade do traço psicoticismo. As análises com dois grupos de pontuações extremas corroboraram esses resultados.

Apesar de a concepção de personalidade adotada indicar uma interação do psiquismo com o entorno social e aceitar os traços de personalidade como um produto dessa interação, como também lentamente modificáveis por ela, entre os cinco estudos realizados com o ETPC, nenhum investigou as relações sociais estabelecidas em grupo ou no grupo em que a criança vive. Em acréscimo, é bastante nítida a menção de características concernentes às relações sociais nas descrições das condutas que envolvem cada traço.

Corroborando essa característica do constructo traço de personalidade, se aceita que as emoções sejam respostas do organismo e, como tais, são influenciadas pelo entorno sociais, pois se relacionam com o que nos alegra, nos entristece, nos amedronta. Nesse contexto, aquilo que “deve ser apreendido” é determinado socialmente e, para a criança, a imagem e o som de outras pessoas e a própria interação social se tornam recompensadores e auto reguladores (Dolores Avia & Sánchez Bernardos, 1995; Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

É bastante defendido não apenas que durante o desenvolvimento humano os contatos sociais do indivíduo se expandem, mas que grandes mudanças ocorrem na infância, pois há uma evolução desde a relação binária com a mãe, passando a envolver outros elementos da família, vizinhança, até grupos sociais como escola, entre outros. Uma grande mudança nas relações sociais se dá quando do ingresso na escola, já que, além de um aumento substancial no grupo de iguais, a criança tem mais possibilidades e liberdade para escolher seus amigos e companheiros. Essas relações grupais com seus pares dão oportunidade para a criança experimentar outros papéis sociais e relações afetivas (Glidewell, 1977).

No caso de crianças, as relações como aceitação, revezamento de papéis e rejeição estabelecidas com os colegas, funcionam como um exercício para a sua adaptação social na vida adulta futura. Nesse sentido,

desempenham um importante papel no desenvolvimento psicossocial. Estudos têm mostrado que a aceitação social e a popularidade podem ser medidas preditoras da inserção e relacionamento da criança em seu grupo de colegas e o *status* sociométrico tem sido uma medida bastante adequada para isso tanto no caso de crianças (Hatzichristou & Hopf, 1996; Morais, Otta & Scala, 2001), quanto no caso de pré-adolescentes e adolescentes (Bauer, 1971).

Alguns estudos envolvendo a variável aceitação social, ou popularidade, e personalidade são relatados na literatura. Em pré-adolescentes e adolescentes foram encontradas as pesquisas de Nitta (1957) e Fran (1978) que tratam especificamente de traços de personalidade e de Jurovsky e Vopalensky (1970) e Portnoy (1987) que tratam de personalidade de uma maneira mais genérica. Todas elas indicaram relações entre personalidade e aceitação-rejeição social das pessoas investigadas. Com a preocupação no contexto do esporte, os resultados das pesquisas de Wilson e Miller (1961), Vanfraechem-Raway (1976b) e Kelloe e Ruisel (1979) foram convergentes e apontaram a importância do traço de personalidade de cada jogador da equipe e a aceitação entre os pares como fatores importantes para estar os melhores times.

As pesquisas envolvendo criança e personalidade em relação à aceitação e rejeição social não são muitas. Há pesquisas como a realizada por Cantrell e Prinz (1985), por exemplo, que relacionaram o *status* sociométrico de crianças com características comportamentais e analisaram domínios tais como atribuições comportamentais de pares, avaliação de professores e auto-avaliação. Ainda nessa linha, encontraram-se pesquisas como as de Harris e King (1982) que relacionaram características de personalidade de crianças apontadas pelos professores como tendo problemas de comportamento e aprendizagem, visando diferenciar esses grupos. Por sua vez, Kastelova e Szenteova (1991) pesquisaram a interação social e personalidade em crianças, analisando preferências sociais e popularidade com o grupo, além de índice de aceitação.

Destaque especial merece a pesquisa realizada por Omar (1994) que procurou verificar relações entre *status* sociométrico, fatores de personalidade e performance acadêmica entre estudantes de escola primária. Os sujeitos indicaram quais dos colegas de classe eles gostariam ou não de brincar e estudar e os fatores de personalidade foram determinados via questionário. Os resultados evidenciaram que crianças que utilizaram estratégias mais assertivas foram socialmente menos competentes e utilizaram meios hostis para solucionar conflitos com os companheiros. As crianças extrovertidas exerceram maior liderança para jogos e predispostas aos contatos sociais; os introvertidos foram os escolhidos para estudar. Os alunos com nível alto de neuroticismo tenderam a ser rejeitados; os com tendências ao psicoticismo mostraram predisposição a comportamentos anti-sociais e foram rejeitados pelos colegas; e os alunos ajustados foram os mais aceitos.

Apesar de um pouco dispersa e difusa, a literatura tem mostrado sistematicamente uma certa relação entre traços de personalidade e aceitação social. Com base na concepção teórica de personalidade e os estudos encontrados, tornou-se interessante planejar uma pesquisa para analisar esse tipo de relação com o ETPC, já que a descrição dos traços de personalidade inclui aspectos concernentes à relação social e aceitação-rejeição entre pessoas. Esse tipo de informação forneceria outro tipo de evidência de validade ao instrumento em questão. Simplificando um pouco as tendências das pessoas com cada traço de personalidade e, ao mesmo tempo, realçando os aspectos das relações sociais, apresenta-se uma breve descrição de cada um deles, de acordo com Sisto (no prelo), ao mesmo tempo em que as hipóteses aventadas são colocadas.

O traço *extroversão* caracteriza a pessoa geralmente impulsiva, despreocupada, agressiva, otimista, espontânea e aberta às relações interpessoais, ou seja, sociável. As pessoas extrovertidas têm muitos amigos, gostam de conversar e não gostam de ler ou estudar sozinhas. Assim, há a expectativa de que a criança com alta pontuação nesse traço seja bastante aceita para brincar e estudar e que, no geral, seja bastante aceita.

Como componentes do *neuroticismo* podem ser citados ansiedade, depressão, sentimento de culpa, baixa auto-estima, timidez, tristeza, temor, nervosismo e inquietação. A principal característica de uma criança com alta pontuação em *neuroticismo* é uma constante preocupação, com mostras de uma forte instabilidade emocional. Assim, há a expectativa de que a criança com alta pontuação nesse traço seja rejeitada para brincar, mas não para estudar nem no geral.

O *psicoticismo* foi retratado como uma dimensão da personalidade normal. No entanto, altas pontuações indicam que a criança tem uma certa despreocupação em relação aos outros e é solitária; tem tendência a ser cruel e insensível, mostrando-se hostil, inclusive com os mais íntimos; deprecia o perigo e sente prazer em perturbar os outros, deixando-os de mau humor. Apresenta poucos indícios de socialização e de sentimentos de empatia. Assim, há expectativas de que a criança com alta pontuação nesse traço seja rejeitada para brincar e para estudar. No geral, essa criança deve ser mais rejeitada que aceita entre seus colegas.

A escala de *sociabilidade* informa sobre a tendência a comportar-se dentro de regras e conveniências sociais. No entanto, uma baixa pontuação indicaria que a criança se mostra como é realmente, apresenta certa independência frente às normas sociais ou condutas socialmente aceitas e pode ser indicativo de condutas anti-sociais. Assim, há expectativas de que a criança com alta pontuação nesse traço seja bastante aceita para brincar, estudar e no geral.

MÉTODOS

Participantes

Participaram como sujeitos 411 alunos da segunda série do ensino fundamental de cinco escolas públicas do interior de São Paulo, sendo 48,3% do gênero masculino e 51,7% do gênero feminino. As idades variaram de 7 a 9 anos (média de 8,43 e desvio padrão de 0,70).

Instrumentos

Traços de Personalidade. A avaliação dos traços de personalidade foi realizada por meio da Escala de Traços de Personalidade para Crianças, um questionário com 30 itens (Sisto, no prelo), que avalia os fatores relacionados ao neuroticismo, psicoticismo, extroversão e sociabilidade. É um instrumento para ser usado em crianças de 5 a 10 anos de idade. A escala de neuroticismo é avaliada por 7 itens; a de extroversão, 10 itens; a de psicoticismo, 11 itens; e a de sociabilidade, 6 itens. A criança deve responder *sim* ou *não* a cada pergunta e a avaliação de cada traço foi feita de acordo com o gabarito fornecido pelo autor.

Medida Sociométrica. Essa medida teve por objetivo detectar a extensão em que uma criança é escolhida ou rejeitada para uma atividade por seus colegas de classe. Para isso, solicitou-se que os alunos indicassem três colegas de sua sala de aula com os quais gostariam de estudar (ou brincar), sendo que o primeiro seria quem eles mais gostariam de estudar (ou brincar) e assim sucessivamente. Realizada essa parte, solicitou-se que indicassem outros três colegas, também de sua sala de aula, com os quais não gostariam de estudar (ou brincar), sendo que o

primeiro seria quem eles menos gostariam de estudar (ou brincar) e assim sucessivamente. As indicações positivas receberam pontos positivos (+3, +2 e +1, respectivamente) e as negativas, pontos negativos (-3, -2 e -1, respectivamente). A posição sociométrica foi indicada pela soma aritmética dos pontos recebidos em razão das escolhas, positivas e negativas.

Foram obtidas três medidas. Uma relativa à aceitação-rejeição para estudar, outra para brincar e, finalmente, uma medida geral, soma das outras duas.

Procedimento

No caso do ETPC a aplicação foi coletiva. Após a distribuição do instrumento, foi realizado o ensino, por meio dos exemplos fornecidos pelo manual, para as crianças responderem as situações. Em seguida, foi lido item por item pelo aplicador, dando um intervalo entre os itens para a criança marcar com um X a resposta (sim ou não) no próprio instrumento.

No caso do teste sociométrico, a aplicação foi individual, pois muitas das crianças podiam não saber escrever. As respostas eram anotadas pelo aplicador, depois de conferir se a criança nomeada pertencia à classe da criança entrevistada.

RESULTADOS

As estatísticas das medidas sociométricas encontram-se na Tabela 1. As médias das três medidas tenderam a ser positiva, indicando uma leve tendência à aceitação das crianças entre si.

Tabela 1: Estatísticas das medidas sociométricas (N=411)

	Média	Desvio padrão	Valor mínimo	Valor máximo
Estudar	0,34	9,96	-53	24
Brincar	0,29	8,04	-33	21
Geral	0,64	16,43	-81	41

No entanto, há de se notar que os valores mínimos correspondem às pontuações de rejeição e esses valores são maiores que os de aceitação, indicados pelos valores positivos. Em outros termos, houve crianças que concentraram bastante rejeição por parte de seus pares, enquanto que as aceitações pareceram estar mais distribuídas.

A Tabela 2 apresenta os dados descritivos dos traços de personalidade. A tendência para alunos de uma segunda série foi mantida, considerando os dados do estudo de padronização. O traço psicoticismo nessas idades tendeu a apresentar pontuações altas, enquanto que as crianças tenderam a fornecer menos respostas de extroversão.

Tabela 2: Estatísticas dos traços de personalidade (N=411)

	Média	Desvio padrão	Valor mínimo	Valor máximo
Neuroticismo	3,77	1,84	0,0	7,0
Extroversão	1,51	1,59	0,0	9,0
Psicoticismo	9,19	1,78	2,0	11,0
Sociabilidade	2,05	1,68	0,0	6,0

Para estudar a relação entre gênero e as medidas realizadas, utilizou-se a prova *t* de Student, com nível de significância de 0,05, e seus resultados encontram-

se na Tabela 3. Por esses dados pôde-se observar que apenas as pontuações de extroversão não apresentaram diferenças significativas para gênero.

Tabela 3: Estatísticas por gênero e medidas sociométricas e de personalidade (N=411)

Gênero	Média	Desvio padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
--------	-------	---------------	----------	----------

Estudar	Masculino	-1,21	10,23	-3,273	0,001
	Feminino	1,76	9,51		
Brincar	Masculino	-0,62	8,27	-2,366	0,018
	Feminino	1,12	7,76		
Sociométrico geral	Masculino	-1,84	17,14	-3,145	0,002
	Feminino	2,88	15,46		
Neuroticismo	Masculino	4,15	1,75	3,976	0,000
	Feminino	3,44	1,86		
Extroversão	Masculino	1,50	1,54	-0,134	0,893
	Feminino	1,52	1,64		
Psicoticismo	Masculino	8,80	1,88	-4,205	0,000
	Feminino	9,53	1,62		
Sociabilidade	Masculino	2,31	1,62	2,948	0,003
	Feminino	1,83	1,71		

No caso das medidas sociométricas, o gênero masculino forneceu médias negativas e o gênero feminino, positivas, sugerindo uma tendência à rejeição em relação aos meninos para as situações em grupo, enquanto que para as meninas houve uma tendência à aceitação dos seus pares. No que se refere aos traços de personalidade, as meninas obtiveram um índice maior em neuroticismo e psicoticismo e os meninos em sociabilidade.

Considerando que houve diferença significativa em relação ao gênero, em quase todas as escalas estudadas, optou-se por correlacionar as medidas sociométricas com as medidas dos traços de personalidade separando-se os gêneros, estabelecendo o nível de significância de 0,05. Assim, para o gênero masculino e feminino, os valores de r e p fornecidos pela prova de correlação de *Pearson* estão na Tabela 4.

Tabela 4: Coeficientes de correlação de *Pearson* (r) e níveis de significância (p) para as medidas sociométricas e traços de personalidade, por gênero ($N=411$)

Traços de personalidade		Neuroticismo	Extroversão	Psicoticismo	Sociabilidade
Medidas sociométrica					
		Gênero Masculino			
Estudar	r	-0,03	-0,10	-0,22*	-0,14*
	p	0,714	0,167	0,003	0,048
Brincar	r	-0,00	-0,01	-0,19*	-0,04
	p	0,986	0,884	0,007	0,608
Sociométrico geral	r	-0,02	-0,06	-0,23*	-0,10
	p	0,820	0,371	0,001	0,154
		Gênero Feminino			
Estudar	r	0,23*	0,21*	0,07	-0,01
	p	0,001	0,002	0,283	0,892
Brincar	r	0,23*	-0,12	0,09	0,09
	p	0,001	0,079	0,167	0,180
Sociométrico geral	r	0,25*	0,19*	0,07	0,05
	p	0,000	0,006	0,303	0,448

Em relação ao gênero masculino, quatro medidas sociométricas apresentaram correlações negativas e significativas, sendo três delas com psicoticismo e uma com sociabilidade. Como foram correlações negativas, a tendência pôde ser interpretada como ao aumentar a aceitação de pares tanto para estudar, brincar ou seu total (sociométrico geral) diminuiu o nível de psicoticismo; no caso do traço de sociabilidade, apenas na situação de estudar essa relação ocorre. Em outros termos, foi aumentando a aceitação pelos pares, nas quatro medidas tomadas, se a pontuação dos meninos ia diminuindo em psicoticismo e sociabilidade e foi aumentando a rejeição, se os índices diminuam.

Diferentemente do gênero masculino, o gênero feminino não apresentou nenhuma correlação significativa com o psicoticismo nem com a sociabilidade. Em contrapartida, as três medidas sociométricas correlacionaram-se positiva e

significativamente com neuroticismo e duas delas (estudar e sociométrico geral) com extroversão. A tendência dos dados foi interpretada como ao aumento do nível neuroticismo e de extroversão das meninas lhe correspondeu um aumento na aceitação de seus colegas, exceção feita à aceitação para brincar com o traço de extroversão, o que foi, aparentemente, uma contradição.

Com vistas a verificar até que ponto os grupos extremos em termos de aceitação-rejeição entre pares se diferenciaram em termos de traços de personalidade, esses grupos foram comparados por meio da prova *t* de *Student*, nível de significância 0,05, em relação às três medidas sociométricas. Para compor os grupos extremos foram selecionados 25% de sujeitos com as maiores pontuações de rejeição e 25% dos sujeitos com as maiores pontuações de aceitação. Manteve-se também a análise dos grupos por gênero separadamente.

Tabela 5: Estatísticas para grupos extremos de aceitação-rejeição na situação de brincar em relação aos traços de personalidade (N=243)

Traços de personalidade	Sociométrico	Média	Desvio padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
Gênero Masculino (Aceitação N=56 e Rejeição N=66)					
Neuroticismo	Rejeitados	4,35	2,28	0,322	0,748
	Aceitos	4,21	2,30		
Extroversão	Rejeitados	7,80	1,49	0,320	0,750
	Aceitos	7,71	1,74		
Psicoticismo	Rejeitados	1,94	1,57	2,573	0,011
	Aceitos	1,23	1,43		
Sociabilidade	Rejeitados	3,63	2,27	0,539	0,591
	Aceitos	3,40	2,16		
Gênero Feminino (Aceitação N=68 e Rejeição N=53)					
Neuroticismo	Rejeitados	4,34	2,45	-2,252	0,026
	Aceitos	5,31	2,21		
Extroversão	Rejeitados	7,47	1,65	-2,139	0,034
	Aceitos	8,03	1,20		
Psicoticismo	Rejeitados	1,04	1,15	-0,476	0,635
	Aceitos	1,16	1,58		
Sociabilidade	Rejeitados	2,94	2,10	-0,066	0,948
	Aceitos	2,97	2,38		

A diferença entre os gêneros masculino e feminino foi, para os meninos, que os grupos extremos de aceitação-rejeição entre colegas na situação de brincar se distinguiram na medida de psicoticismo, com o grupo de rejeitados fornecendo uma média maior que o grupo dos aceitos, enquanto que para as meninas essa medida não distinguiu os dois grupos. Entretanto,

para as meninas, os grupos extremos de aceitação-rejeição entre colegas se diferenciaram nas medidas de neuroticismo e extroversão, sendo que em ambas as medidas o grupo das meninas aceitas entre seus colegas tiveram médias maiores que o grupo das rejeitadas.

Tabela 6: Estatísticas para grupos extremos de aceitação-rejeição na situação de estudar em relação aos traços de personalidade (N=243)

Traço de personalidade	Sociométrico	Média	Desvio padrão	t	p
Gênero Masculino (Aceitação N=42 e Rejeição N=74)					
Neuroticismo	Rejeitados	4,75	2,22	1,799	0,075
	Aceitos	3,95	2,26		
Extroversão	Rejeitados	7,93	1,43	-0,652	0,516
	Aceitos	8,12	1,62		
Psicoticismo	Rejeitados	2,15	1,68	2,452	0,016
	Aceitos	1,35	1,63		
Sociabilidade	Rejeitados	3,79	2,20	-2,301	0,023
	Aceitos	3,10	2,13		
Gênero feminino (Aceitação N=68 e Rejeição N=53)					
Neuroticismo	Rejeitadas	4,06	2,44	-3,061	0,003
	Aceitas	5,33	2,10		
Extroversão	Rejeitadas	7,36	1,63	-2,217	0,029
	Aceitas	7,99	1,47		
Psicoticismo	Rejeitadas	0,98	1,11	-0,486	0,628
	Aceitas	1,10	1,45		
Sociabilidade	Rejeitadas	2,98	2,19	-0,014	0,988
	Aceitas	2,99	2,13		

A diferença entre os gêneros masculino e feminino nos grupos extremos de aceitação-rejeição entre colegas na situação de estudar não se configurou da mesma forma que na situação de brincar. Isso porque os grupos extremos de meninos se distinguiram na medida de psicoticismo e sociabilidade (na situação de brincar apenas em psicoticismo), com o grupo de rejeitados fornecendo uma média maior que o grupo

dos aceitos; e os grupos extremos das meninas foram as medidas neuroticismo e extroversão as que distinguiram os dois grupos, sendo que em ambas as medidas o grupo das meninas aceitas entre seus colegas tiveram médias maiores que o grupo das rejeitadas.

Tabela 7: Estatísticas para grupos extremos de aceitação-rejeição na medida sociométrica geral em relação aos traços de personalidade (N=243)

Traço de personalidade	Sociométrico	Média	Desvio padrão	t	p
Gênero Masculino (Aceitação N=40 e Rejeição N=62)					
Neuroticismo	Rejeitados	4,71	2,42	1,525	0,130
	Aceitos	3,95	2,44		
Extroversão	Rejeitados	7,82	1,47	-0,166	0,869
	Aceitos	7,88	1,70		
Psicoticismo	Rejeitados	2,18	1,71	2,683	0,009
	Aceitos	1,27	1,57		
Sociabilidade	Rejeitados	3,91	2,32	2,107	0,038
	Aceitos	2,92	2,10		
Gênero feminino (Aceitação N=70 e Rejeição N=46)					
Neuroticismo	Rejeitados	4,02	2,41	-2,941	0,004
	Aceitos	5,29	2,17		
Extroversão	Rejeitados	7,44	1,70	-2,301	0,023
	Aceitos	8,07	1,22		
Psicoticismo	Rejeitados	0,98	0,98	-0,493	0,623
	Aceitos	1,10	1,48		
Sociabilidade	Rejeitados	3,04	2,15	0,237	0,813
	Aceitos	2,94	2,30		

Na medida sociométrica geral, os grupos extremos dos meninos se diferenciaram tanto na medida de psicoticismo quanto na de sociabilidade, com os rejeitados com médias maiores que os aceitos. No caso das meninas, as medidas de neuroticismo e extroversão mantiveram a mesma tendência.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A concepção de personalidade sugere, por sua história, uma interação do psiquismo com o entorno social e os traços de personalidade como um produto dessa interação. Nesse sentido, é constante a menção

de características concernentes às relações sociais nas descrições das condutas que envolvem cada traço (Dolores Avia & Sánchez Bernardos, 1995; Hall & cols., 2000; Sisto, no prelo), relação essa também encontrada neste estudo.

Apesar de pouca, a literatura tem mostrado uma certa relação entre traços de personalidade e aceitação social (Nitta, 1957; Wilson & Miller, 1961; Jurovsky & Vopalensky, 1970; Vanfraechem-Raway, 1976a; Fran, 1978; Kelloe & Ruisel 1979; Portnoy, 1987; entre outros), ainda que foi encontrado apenas um estudo (Omar, 1994) que pesquisou vários traços e status sociométrico. Assim, buscou-se estudar mais detalhadamente as relações entre o ETPC e aceitação-rejeição entre pessoas, com base no fato de que a aceitação-rejeição é uma das características de alguns traços. Nesse contexto, esses dados forneceriam outro tipo de evidência de validade ao ETPC.

Em relação ao traço de neuroticismo, a expectativa era de que a criança com alta pontuação seria bastante aceita para estudar, mas rejeitada para brincar e, no geral, seria aceita. Com base nos resultados pôde-se concluir que para os meninos essa relação foi comprovada apenas na escolha para brincar e para as meninas, nessa mesma escolha, a hipótese não foi confirmada, embora tenha sido confirmada nas outras situações. Esses resultados não corroboram os de Omar (1994), cujas análises indicaram que as crianças com neuroticismo tenderam a ser rejeitadas, havendo similaridade apenas para as meninos na situação de brincar. Em conclusão, pôde-se afirmar que o neuroticismo, quando em meninas, possibilitou sua aceitação entre os pares e, no caso dos meninos, foi indiferente ou levou à rejeição, confirmando parcialmente a hipótese colocada.

Por sua vez, em relação ao traço de psicoticismo aventou-se a possibilidade de que a criança com alta pontuação seria rejeitada para brincar e estudar e no geral. Pelos resultados pôde-se concluir que para os meninos a hipótese colocada foi comprovada e, para as meninas, não. No caso do estudo de Omar (1994), seus sujeitos tenderam a ser rejeitados, o que ocorreu para os meninos desta pesquisa, mas não para as meninas. Em conclusão, pôde-se afirmar que o psicoticismo quando em meninas não produziu reação de rejeição-aceitação, mas no caso dos meninos levou à rejeição, confirmando parcialmente a hipótese colocada.

Ao lado disso, em relação ao traço de extroversão postulou-se que a criança com alta pontuação seria aceita para brincar, estudar e no geral. Os resultados não confirmaram essa relação para os meninos, mas para as meninas ela se mostrou em duas das três medidas sociométricas, como também diferenciou os grupos extremos de aceitação-rejeição. Em contraposição ao estudo de Omar (1994), os meninos mais extrovertidos foram mais ou menos aceitos, na realidade não houve uma tendência; e as meninas com maiores pontuações em extroversão foram bem aceitas para estudar. Este estudo não corroborou os resultados de Omar (1994), no qual os introvertidos foram os escolhidos para estudar. Em conclusão, pôde-se afirmar que a extroversão, quando em meninos, não

produziu reação de rejeição-aceitação, mas no caso das meninas levou à aceitação, confirmando parcialmente a hipótese colocada.

Finalmente, concernente ao traço de sociabilidade, aventou-se que a criança com alta pontuação seria aceita para brincar, estudar e no geral. Com base nos resultados, nas meninas essa relação não se mostrou nas medidas sociométricas e para os meninos essa relação foi observada apenas na situação de estudar. Em relação aos grupos extremos, nas situações de estudar e no geral as médias em sociabilidade também se diferenciaram, sendo que os meninos rejeitados apresentaram maiores pontuações em sociabilidade. De fato, esse traço caracterizado por Sisto (no prelo) pode ser entendido como uma mistura do traço mentira (*lie*) e o fator relacionado a comportamentos anti-sociais de Eysenck e Eysenck (1987), ainda que avaliado em sua forma positiva. Os resultados não corroboraram o estudo Omar (1994), no qual os participantes com comportamentos anti-sociais foram rejeitados pelos colegas e os ajustados foram os mais aceitos. Aparentemente os critérios caracterizados como sociabilidade no ETPC não são os mesmos usados para a escolha de pares para brincar e os meninos com altas pontuações foram rejeitados para estudar. Em conclusão, pôde-se afirmar que a sociabilidade quando em meninos produz rejeição para estudar, e nas outras situações não levou nem à aceitação nem à rejeição, confirmando parcialmente a hipótese colocada.

Há que se considerar o efeito da variável gênero que produziu efeitos bastante interessantes nos traços de personalidade em crianças, não registrados na literatura. É necessário lembrar que as pesquisas encontradas na literatura, e já mencionadas, estudaram sujeitos geralmente maiores de 9 anos e, no caso do instrumento ora em análise, a base do estudo foram crianças de 5 a 10 anos. Essas crianças certamente possuem outras características em relação à experiência de vida, maturidade e estágio de desenvolvimento cognitivo.

Considerando a variável gênero, no caso das medidas sociométricas, o gênero masculino forneceu médias negativas e o gênero feminino, positivas, sugerindo uma tendência à rejeição em relação aos meninos para as situações em grupo, enquanto que para as meninas houve uma tendência à aceitação dos seus pares. No que se refere aos traços de personalidade, as meninas obtiveram um índice maior e psicoticismo e os meninos em neuroticismo e sociabilidade. Diferentemente, o traço de extroversão não diferenciou os gêneros.

É interessante observar que as meninas tiveram em média uma pontuação mais baixa em neuroticismo, mas a presença desse traço produziu sua aceitação na escolha entre pares, enquanto que nos meninos, com média mais alta, não produziu esse efeito; as meninas tiveram uma pontuação mais alta em psicoticismo e sociabilidade, não produzindo rejeição para as meninas, mas sim para os meninos. Talvez esse seja um aspecto que mereça ser pesquisado mais detidamente, pois a possibilidade de que a menina seja mais aceita ao apresentar traços de personalidade em

maior intensidade e os meninos sejam mais aceitos ao apresentarem traços de personalidade menos intensos, não deixa de ser intrigante.

As correlações encontradas foram, apesar de significativas, baixas, explicando pouco da variância existente. No entanto, há que se considerar que esse dado não é negativo, no sentido de impossibilitar o uso dessa informação como evidência de validade do ETPC. Muito pelo contrário. De fato, o esperado era que fossem baixas, pois se altas, elas estariam medindo muito pouco de traços de personalidade e muito mais de relações sociais entre pares, e vice-versa, o que não era de interesse para a função dessa escala. As relações de aceitação e rejeição são uma parte das características esperadas em alguns traços de personalidade e, como tal, elas deveriam contribuir com uma parte importante da variância, mas não muito, pois, se muito, explicaria grande parte da característica do traço de personalidade o que não seria conveniente. Nesse contexto, os dados desta pesquisa podem ser considerados evidência de validade para o ETPC.

Referências

- Allport, G. W. (1973). *Personalidade: padrões e desenvolvimento* (2ª ed.). São Paulo: EPU.
- Bauer, N. J. (1971). Differences in personality traits among most preferred and least preferred students in grades 10, 11 and 12. *Journal of Education Research*, 65(2), 65-70.
- Bazi, G. A. P. (2003). *As dificuldades de aprendizagem na escrita e suas relações com traços de personalidade e emoções*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- Cantrell, V. L. & Prinz, R. J. (1985). Múltiple perspectives of rejected, neglected, and accepted children: Relation between sociometric status and behavioral characteristics. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53, 884-889.
- Dolores Avia, M. & Sánchez Bernardos, M. L. (1995). *Personalidad: aspectos cognitivos y sociales*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Eysenck, H. J. & Eysenck, M. W. (1987). *Personalidad y diferencias individuales*. Madrid: Ediciones Pirámides.
- Fran, D. H. (1978). Relationship between personality traits and nominated leadership position in middle school students. *Bulletin of Educational Psychology*, 11, 123-130.
- Glidewell, J. C. (1977). On the analysis of learning in a social context. Em J. C. Glidewell (Org.) *The social context of learning and development* (pp. 19-32). New York: Gardner Press. Inc.
- Hall, C. S.; Lindzey, G. & Campbell, J. B. (2000). *Teorias de personalidade* (4ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Harris, W. J. & King, D. R. (1982). Achievement, sociometric status, and personality characteristics of children selected by their teachers as having learning and/or behavior problems. *Psychology in the Schools*, 19, 452-457.
- Hatzichristou, C. & Hopf, D. (1996). A Multiperspective comparison of peer sociometric status groups in childhood and adolescence. *Child Development*, 67(3), 1085-102.
- Jurovsky, A. & Vopalensky, J. (1970). Personality integration and social adjustment of youth. *Psychologia a Patopsychologia Dietata*, 5(1), 3-14.
- Kastelova, D. & Szenteova, I. (1991). Sociometric status of speech disordered child in the basic school class. *Psychologia a Patopsychologia Dietata*, 26, 29-34.
- Kelloe, A. & Ruisel, I. (1979). Effect of personality traits on group status in sportsmen. *Studia Psychologica*, 21(2), 155-159.
- Morais, M. L. S.; Otta, E. & Scala, C. T. (2001). Status sociométrico e avaliação de características comportamentais: um estudo de competência social em pré escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(1), 119-131.
- Nitta, K. (1957). Social status and personality traits in membership of informal groups in a reformatory. *Bunka*, 21(1), 208-215.
- Omar, A. G. (1994). Contribuciones de la estructura de personalidad, la asertividad y el status sociométrico del alumno al éxito escolar. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 7, 81-97.
- Pacheco, L. M. B. (2003). *Comportamento de escolares: aspectos acadêmicos e psicossociais na sala de aula*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- Pacheco, L. M. B. & Sisto, F. F. (2003). Aprendizagem por interação e traços de personalidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7(1), 69-76
- Portnoy, E. H. (1987). The relationship of sociometric choice to group typology: a study of junior high age students. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry*, 40(3), 108-114.
- Sisto, F. F. (no prelo). *Escala de traços de personalidade para crianças – ETPC*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.
- Sisto, F. F.; Pacheco, L. M. B.; Guerrero, P. V. T. & Urquijo, S. (2001). La tensión y la ansiedad en los rasgos de personalidad: un estudio exploratorio. *Acta Psiquiátrica y Psicológica de la América Latina. Argentina*, 47(4), 340-350.
- Sisto, F. F.; Bueno, J. M. H. & Rueda, F. J. M. (2003). Traços de personalidade na infância e distorção e integração de formas: um estudo de validade. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 77-84.
- Vanfrachem-Raway, R. (1976a). Research on personality as a function of sociometric status in 15-sup-20 yr old students. *Revue Belge de Psychologie et de Pédagogie*, 35(155), 7786.
- Vanfrachem-Raway, R. (1976b). Study of the social personality in sport as a function of team structure. *International Journal of Sport Psychology*, 7(3), 169-186.
- Wilson, W. & Miller, N. (1961). Shifts in evaluations of following intergroup competition. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63(2), 428-431.

Enviado: 25.12.2003

Revisado: 19.02.2004

Aceito: 10.03.2004

Sobre os autores:

Fermino Fernandes Sisto: Doutor pela Universidad Complutense de Madrid, Livre-docente pela Unicamp e docente do curso de Psicologia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, da Universidade São Francisco, *campus* Itatiba-SP.

Sandra Maria S. S. Oliveira: Psicóloga, Pedagoga, com especialização em psicopedagogia, Mestra em Psicologia pela Universidade São Francisco e docente da Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG.

Katya Luciane de Oliveira: Psicóloga, Mestra em Psicologia e professora da Universidade de Alfenas-MG.

Daniel Bartholomeu: aluno do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco e bolsista de iniciação científica do CNPq.

José Carlos S. Oliveira: Psicólogo, Mestre em Psicologia pela Universidade São Francisco e docente da Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG.

Otávia Regina Souza Costa: Psicóloga e professora da Universidade Antônio Carlos, de Barbacema-MG; aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, da Universidade São Francisco.

Endereço Eletrônico: fermino.sisto@saofrancisco.edu.br
